

A Nova Gramática e o Ensino

Leda Bisol

O moderno método de investigação lingüística — gramática gerativo-transformacional —, cujas formulações ainda estão em processo de elaboração, vem despertando curiosidade e expectativa entre professores e estudantes. Se isso revela insatisfação diante dos modelos até há pouco usados no ensino de língua, quer materna, quer estrangeira, tem, por outro lado, um grande perigo: a atração do novo que joga as criaturas pouco ou mal informadas, em caminhos cujos percalços as precipitam, muitas vezes, por desvios, afastando-as totalmente da verdade científica.

Nosso intento não é exaltar as prerrogativas da gramática nova e desestimar as que a precederam. Os que lidam com o ensino sabem o mal que produzem novos planos que se superpõem uns aos outros, sem que amadureça nenhum deles. É conveniente que haja um preparo lento antes de aplicar qualquer inovação, a fim de que não se fique numa mudança aparente, permanecendo os fatos estacados no fundo. Equívocos poderão ocorrer, como o uso do diagrama de árvore em análise sintática com moldes nitidamente tradicionais. É inútil paramentar-se apenas.

Há mudanças em todos os ramos da ciência humana. Embora seja bastante cômodo permanecer com aquilo que adquirimos durante os anos de nossa formação profissional e seja explicável o horror a que nos façam sair do que nos cercela, o professor que forma gerações para outras épocas, não pode aprisionar-se ao passado. No entanto a ponte entre o velho e o novo tem de estabelecer-se com bases sólidas, através da cultura adequada, sem apressamentos e antecipações, abrindo-se paulatinamente esclarecidos caminhos.

O que sucede hoje é que os que se dedicam ao ensino de línguas vêem-se entre três gramáticas distintas: a tradicional, a estruturalista e a gerativa.

A gramática tradicional, definível como um conjunto de regras para uso correto da língua, consiste, em seu método mais atualizado, na interpretação de contextos a partir do sujeito falante ou ouvinte, decompondo-os em orações que, por sua vez, são desmembráveis em unidades menores. Val da sintaxe à morfologia. Estabelece conceituações com base ora na função, ora no sentido. Preocupa-se com a língua escrita.

A gramática estrutural, definível como um conjunto de padrões em que se encaixam todos os elementos de uma língua, desatenta a envolvimento semânticos, ocupa-se com a forma dos elementos que constituem um corpus, distinguindo o sentido lexical do estrutural, proveniente este último do comportamento das unidades dentro de um sistema. Com formulações em princípios unívocos, é uma gramática cientificamente elaborada. Três tópicos norteiam suas descrições: a ordem dos elementos, a forma e a entoação. Dá ênfase à língua falada.

As obras do Prof. Mattoso Câmara Júnior são descrições da língua portuguesa pelo método estrutural. Conhecer essa abordagem é o privilégio que nos deu com suas publicações o grande mestre e investigador, arauto dos estudos lingüísticos no Brasil.

A teoria gerativa transformacional visa a uma ambiciosa meta: escrever uma gramática que descreva a capacidade de o indivíduo produzir orações, tomando explícito o conhecimento intuitivo.

Por muito tempo acreditou-se que a aprendizagem da língua se dava por estímulos externos, na base da imitação e generalização. Entre os vários argumentos contra a teoria behaviorista, dois colocam-se em evidência: 1.º A rapidez e a perfeição com que a criança aprende a falar, como se tivesse a intuição do que deve fazer com os elementos da língua mesmo antes de aprendê-la.

2.º A capacidade de entender orações cujo modelo não lhe foi ensinado, como a de produzir outras que nunca tenha ouvido.

Fatos como esses se explicam, apontando-se o aspeto criador da língua, com base no princípio ativo chamado "razão", que distingue o homem do animal, permitindo-lhe captar o mundo pelo pensamento, segundo a teoria racionalista. Assim como a razão é fundamentalmente humana, o é também a linguagem, duas faces da mesma moeda. Há animais inteligentes, mas não os há dotados de razão e linguagem. A faculdade da razão e a faculdade da linguagem são o instrumento com que o homem descobre o mundo e a si mesmo.

A teoria gerativa transformacional parte do pressuposto de que o homem nasce dotado de uma faculdade de linguagem que lhe permite distinguir, ainda nos primeiros anos da vida, na fase de aprendizagem da fala, combinações razoáveis de combinações absurdas.

Não se nega que a faculdade de linguagem, assim como a da razão, precisa ser exercitada, para que amadureça. Nega-se o valor absoluto de se vinha emprestando aos conceitos de Skinner. A criança, dotada de uma capacidade inata, armazena, por estímulos externos, um número determinado de regras, inconscientemente, que lhe dá possibilidades de reproduzir qualquer oração e formar outra, expressando a visão particular do que a circunda.

Podemos agora entender o sentido da palavra gramática dentro dessa visão moderna: um conjunto de regras abstratas que produzem orações. Isto é, um mecanismo de gerar todas as orações de uma língua dada. Essa gramática nos revela que um indivíduo sabe muito mais do que pensa sobre sua própria língua.

Contudo a teoria gerativa transformacional tem outra meta, tão ambiciosa quanto a citada: escrever uma gramática universal.

Quando consideramos a diversidade das línguas existentes no mundo, parece-nos absurdo uma gramática geral. Quando pensamos na língua como uma capacidade psicológica do indivíduo, o mesmo ser de um extremo a outro do planeta, podemos conceber leis gerais que regem todas as línguas, como regem as operações mentais. Trata-se, pois, de semelhanças que subjazem à forma externa e que fundamentam a teoria sobre a natureza da linguagem e seus traços essenciais. As línguas, de acordo com a teoria racionalista, são semelhantes nas estruturas profundas; diferentes apenas nas estruturas de superfície. Uma teoria lingüística geral — os traços comuns a todas as línguas e regras aplicáveis a qualquer língua — constituirão a gramática universal.

A gerativa transformacional que dá importância sobretudo aos valores mentais tem suas origens nos séculos XVII, XVIII e XIX: Descartes, Gramática de Port Royal, Humboldt. No primeiro se assenta sua teoria racionalista. Na segunda, a idéia de uma gramática universal e o binarismo — estrutura de superfície e estrutura profunda. No terceiro, assim como em Descartes, o uso criador da língua. Por estrutura de superfície, entende-se a estrutura abstrata, pertinente à forma externa da oração. Por estrutura profunda ou subjacente, a estrutura abstrata, pertinente à forma interna das orações, que dá conta dos valores semânticos que a dominam. A língua, nessa concepção, é tida como um progresso dinâmico, uma criação constante do espírito humano, uma atividade do homem, um fenômeno da história humana. O aspecto criador do uso da língua, as estruturas subjacentes que sustentam o fenômeno físico da oração são os pontos centrais desta teoria, criada por Chomsky, cujos começos estão em 1957.

Não pense o professor levar essa gramática, tão complexa quanto o fenômeno da linguagem humana, para a escola. Trate de conhecê-la, para saber mais sobre aquilo que constitui o tema de suas aulas, mas não palmilhe caminhos não desbravados. É conveniente não acreditar que essa gramática resolverá todos os problemas dos professores e dos alunos, embora seja certo constituir um mecanismo eficaz para explicar fenômenos lingüísticos. Gramáticas são metodologias científicas ou interpretações dos fatos lingüísticos. Por acaso já se descreveu a língua portuguesa por essa metodologia? O primeiro momento é o da investigação científica. O segundo, o da aplicação didática. Se invertermos a ordem, o caos envolverá o ensino.